

Capítulo I

Aerium: a cidade flutuante

Aerium não era uma cidade comum. Era um projeto audacioso onde ciência e magia deixaram de ser opostos e viraram infraestrutura. Flutuava quilômetros acima do solo, em trânsito permanente entre nuvens. *Propulsores* e *encantamentos arcanos* sustentavam a cidade-laboratório, pensada como santuário para mentes brilhantes e para experimentos que não cabiam nas regras da terra firme. Longe dos olhos dos governos, com uma legislação... flexível. Como Aerium viajava, às vezes sobre um país, às vezes sobre outro, seus limites eram os mesmos do céu.

Nessa noite, a névoa baixou espessa, apagando contornos e passos. O som grave dos propulsores vibrava no peito, lembrando que tudo ali era proeza — e perigo. Lei e Elara avançavam pelos corredores estreitos, atentos às sombras. Qualquer descuido e a cidade devorava segredos.

Dobram a esquina. O sangue de Lei esfria. Um grupo de *encapuzados* rodeia um corpo inerte. Elara agarra o braço dele; os olhos verdes faiscam de alerta.

— Isso confirma nossos piores medos — sussurra ela.

Lei assente, o rosto sério:

— Precisamos descobrir quem está por trás desses desaparecimentos antes que seja tarde demais.

Levantam o corpo como quem ergue um *saco de batatas*. Outros vigiam a rua. Não querem testemunhas. A van preta ronca, come a neblina. Elara aciona o *Louva-a-Deus* — um inseto tecnológico que gruda na lataria e transmite *imagem*, *som* e *localização*. O sinal pisca no pulso de Elara.

— Temos eles — diz, já virando. — Vamos para a central acompanhar.

A partir dali, rastrear ficaria bem mais simples.

Três semanas antes

O escritório de investigação não chamava atenção: uma sala discreta, mapas nas paredes, persianas fechadas, uma mesa grande no centro. Sede de uma equipe de elite da polícia de Aerium. Elara já instalava seus equipamentos quando ele chegou.

— Bom dia! Sou Yang Lei — estendeu a mão. — Ouvi falar muito sobre suas criações tecnológicas.

— Obrigada — responde Elara, apertando-lhe a mão. — Parece que vamos precisar unir forças para resolver esse mistério. Os líderes do departamento especial de investigação já usaram todas as suas habilidades convencionais.

Lei assente, procurando o perigo nas pequenas coisas.

— Sim. Os desaparecimentos estão ficando mais frequentes. Precisamos agir rápido.

Elara abre um *mapa* holográfico sobre a mesa.

— Este é o nosso ponto de partida. Vamos rastrear com o Louva-a-Deus e ver onde escondem as pessoas. Mas precisamos de pistas da *próxima* vítima.

Lei ergue uma sobrancelha.

— Interessante. O que é exatamente o Louva-a-Deus?

— Um microdron em forma de inseto. Transmite vídeo, áudio e GPS em tempo real.

— Vai ser útil — diz Lei. — Quem está por trás disso não vai parar facilmente.

Elara, objetiva, propõe:

— Começamos do básico: testemunhas do dia em que a Dra. Voss sumiu e pessoas que falaram com ela e com os outros depois.

Lei a observa, curioso. Ela percebe e sorri com o canto da boca. Ele devolve um olhar maroto.

— Podemos começar à tarde?

— Ótimo. 14h está bom pra você?

— *Quem será o primeiro?*

— A última pessoa a ver a Dra. Voss — ela desliza a lista. — *Marcus Thrace*, segurança do setor científico. Passado... suspeito.

— Por quê?

— Sumiu por anos. Ninguém sabe o que fez nesse período.

— E a nossa dinâmica? — pergunta Elara, com brilho nos olhos.

— Nada de novo, certo?

— *Investigador bom e investigador mau*. Eu fico com o *mau* — diz, divertida.

— Tudo bem — Lei ri baixo, notando o toque de sadismo.

— Depois, *Naomi* (jornalista) e por último *Hector Graves* (político).

— O que os três têm em comum? — Elara pensa alto.

— A gente descobre no almoço — sugere Lei. — Se estiver livre.

— Conheço um restaurante perto — ela diz, levantando-se. Descendem as escadas, lado a lado.

Almoço

O restaurante é oriental, portas de bambu, aromas quentes. Lei agradece a gentileza; Elara sorri:

— *Não vim aqui por você*. Eu amo comida oriental. Eu até podia ficar de boazinha, mas não vou mentir pra você.

— Obrigado pela sinceridade — diz Lei, pegando dois cardápios.

— Não precisa — Elara aponta o *buffet*. — Vou escolher direto.

Ela maneja os *kuàizi* com destreza. Conversam entre garfadas.

— Como você veio parar aqui? — pergunta Elara.

Lei mastiga devagar, gosta do ritmo dela.

— *Shanghai*. Fui detetive. Um caso grande contra uma corporação poderosa... e práticas *arcanas* proibidas. Quase morri. Vim para Aerium a convite de um amigo. Aqui, magia e tecnologia se tocam. É um desafio diferente.

— E pessoalmente? — Elara insiste.

— Meu pai investigava o *paranormal*. Cresci nesse limite. Em *Shanghai*, adotei métodos não convencionais quando os convencionais falhavam.

— Base perfeita para Aerium — ela comenta.

— Exato. E você?

Elara ri leve, pegando legumes salteados com os pauzinhos.

— Sou de Aerium. Meu pai, físico. Minha mãe, *musicista* de lira. Ela morreu cedo, talvez por algo ligado aos experimentos. Saí do caminho acadêmico e entrei para a polícia. Queria proteger a cidade.

— Ela tocava lira? — Lei se surpreende.

— Tocava — o sorriso dela mistura orgulho e saudade. — Eles eram um contraste: lógica e música.

Terminam a refeição. Voltam ao escritório. Lei abre o dossiê de Marcus.

— Aqui está tudo — ele entrega.

— Histórico violento, mas sem ligação direta aos desaparecimentos. Aquele período sumido... suspeito. Vamos interrogá-lo.

— Vou preparar a sala — diz Lei.

Interrogatório I: Marcus Thrace

Marcus entra *robusto*, expressão dura. Elara mantém o tom firme:

— Senhor Thrace, obrigada por vir. Precisamos de respostas. *Sente-se, por favor.*

— Já disse tudo à polícia — ele cospe o desdém, olhando de soslaio para Lei, postado à porta.

— Estamos aqui para *esclarecer* — diz Lei, voz calma e autoritária. — Você era o *guarda* no dia do desaparecimento da Dra. Voss. O que viu?

— Nada de anormal. Só a Dra. Voss saindo tarde, como sempre.

Elara não ignora a hesitação.

— E o período em que *você sumiu*? Onde estava?

— Isso não tem nada a ver com o caso.

— Talvez tenha — Lei se inclina. — Ou talvez você esteja escondendo algo.

A tensão cresce. Elara decide apertar:

— Vamos pela via *difícil*. Vamos checar seus *álibis*, sua vida toda. Se estiver escondendo algo, *vamos descobrir*.

Silêncio. Olhos fixos. Marcus suspira.

— Ok, eu falo. Mas vocês não vão gostar do que vão ouvir.

Lei e Elara trocam um olhar: respeito e desafio.

— *Eu estava com uma organização* — diz Marcus, voz baixa. — A *Ordem dos Ancestrais*. Acreditam em poderes antigos, rituais que despertam habilidades.

— Um culto — Elara franze a testa.

— Eles não gostam desse nome, mas é isso. Têm gente influente. Eu fazia *segurança*. Vi telecinese, premonição, manifestações interdimensionais. Não sei o que era real.

— E a Dra. Voss? — pergunta Lei.

— Pesquisava uma civilização *perdida* e o *poder da mente*. Acho que chamou atenção da Ordem.

— E você, no período em que sumiu? — Elara mantém a firmeza.

— Me escondi. Eles me ameaçaram. Disseram que eu sumiria se falasse. Fiquei fora do mapa.

— Precisamos de tudo o que sabe — Elara suaviza sem ceder. — E vamos proteger você.

— Prometem?

— Prometemos — dizem os dois.

Marcus revela símbolos gravados perto dos laboratórios; energia *anormal* no ar; brechas na segurança.

— Ok, assine o depoimento — diz Lei. — Providenciaremos sua proteção.

Elara anota sem parar, ligando pontos. Figuras encapuzadas nas câmeras. Trilhas noturnas para lugares ermos. A cidade *sussurra* perigo.

Interrogatório II: Naomi Liu

Café discreto, frequentado por cientistas. Lei chega primeiro, mesa no canto. Naomi aparece casual, olhar determinado. Elara entra logo depois, *elegante* de salto — confortável como no tênis de ontem.

— Olá, Naomi, sou Elara Bennett, colega do Sr. Lei — ela se senta.

— Você também está investigando o caso dos cientistas desaparecidos, para sua revista, certo? — diz em tom baixo.

— Comecei quando a Dra. Voss sumiu. Consegui documentos confidenciais — Naomi tira uma pasta. — Projeto secreto de portais dimensionais.

Elara folheia.

— Incrível. O que motivava os experimentos?

— Acesso a conhecimento e tecnologia de outras dimensões. Risco enorme de trazer algo perigoso para cá. E... um culto antigo interessado nisso — responde Naomi. — A Ordem acredita que os portais dão poder imensurável.

— E os desaparecimentos? — Elara pergunta. — Forçados a participar?

— Minha teoria é essa. Quando tudo começou a dar errado, eliminaram pessoas para manter sigilo.

— Quem está por trás? — Lei insiste.

— Alguém de alto escalão em Aerium. Precisamos ser cautelosos.

— Descobriu algo sobre os outros cientistas? — Elara continua.

— Sim. Todos do mesmo projeto. Havia flutuações de energia, luzes estranhas, sombras se movendo sozinhas, sussurros por volta da meia-noite. Equipes de limpeza e manutenção viram pessoas com roupas estranhas indo aos laboratórios.

— As anotações se parecem com estas? — Elara abre um caderno com símbolos.

— Exatamente — confirma Naomi.

Na despedida, Naomi entrega tudo:

— Façam bom uso. E sejam discretos.

Lei agradece:

— Avisaremos quando estivermos perto da solução.

Elara assente:

— Pode contar com nossa descrição.

Ela volta às anotações. Quando ergue o rosto, flagra Lei observando-a por cima da xícara. O calor sobe às faces dela.

— Quer mais um café? — ele disfarça.

— Qual o próximo passo? — ela devolve, ainda corada.

— Laboratórios — propõe Lei.

— Começamos pelo *matemático*? — ela sugere.

— Dr. Carlos Medina — Lei consulta as notas. — Sexto desaparecido. Modelos para prever o comportamento dos portais. Sumiu após discussão sobre falha nos cálculos. Deixou anotações enigmáticas.

— Entre elas, as que te mostrei — confirma Elara.

— Sabe onde fica o laboratório?

— Na *universidade* do meu pai. Medina, Matemática; meu pai, Física. Instituto de Ciências Exatas.

Caminham. Mãos quase se tocam. Pensamentos longe.

— Por que abrir portais? — Elara pergunta. — A busca pelo conhecimento justifica todos os riscos?

— O humano tem fome do desconhecido — diz Lei. — Mas isso nos leva a forças que não entendemos.

— Então nosso papel é *equilíbrio* — ela diz. — Entre curiosidade e cautela.

— Talvez — ele concorda.

Laboratório de Medina

Silêncio acadêmico. Avisos nas paredes. Chave na secretaria. O laboratório parece *cena de terror*: anotações por todo lado. No quadro branco, um círculo vermelho destaca fórmulas e diagramas.

— Ele tentava resolver *algo grande* — Elara se aproxima.

— Olha o caderno — Lei chama. — Mais detalhado. Modelos para estabilizar portais?

— Complexidade absurda — Elara folheia. — Precisamos de alguém com a *mesma* expertise.

Sala anexa. Um computador *ainda ligado*. Trocas de e-mails com outros pesquisadores. Lei encontra uma *gaveta trancada*.

— Meu canivete está no carro...

— Olha o jaleco — Elara aponta.

Lei encontra a *chave* no bolso do jaleco e ri.

— Estava aqui.

— Cientistas guardam sempre nos *mesmos lugares* — ela ri de volta. — Eles têm outras coisas demais para pensar.

— Seu pai é assim?

— Ele e metade dos amigos — ela brinca.

A gaveta revela *cartas* e um *diário*. Em seguida, no computador, um arquivo: “*Observações Finais*”. Vídeo. Medina está *exausto*.

— Se alguém está assistindo a isso, é porque algo *deu muito errado*. Os portais são *passagens* para forças que não controlamos. Alguns acreditam que podemos *manipulá-las* para o bem. Temo que seja *brincar com fogo*. Espero que estas anotações evitem uma catástrofe.

— Precisamos *fechar* esses portais — diz Lei.

— E decifrar os cálculos. A Clara Santos pode ajudar — Elara sugere.

— Quem é?

— Ex-orientanda de Medina. PhD com ele.

— Vamos falar com ela — decide Lei.

Jardim suspenso

Antes de encontrar Clara, Elara puxa Lei para um jardim suspenso. Árvores luminescentes. Um riacho artificial. A cidade pulsa lá embaixo.

— Precisamos respirar — diz Lei, sentando no banco.

— Uma pausa muda a perspectiva — ela concorda. Silêncio breve. A luz azulada desenha o contorno do rosto dele.

— Gosto de trabalhar com você — ele diz. — Você me traz outra lente.

O rubor sobe nas bochechas de Elara. Ela encara. A distância encolhe.

— Sua calma segura meus impulsos — ela sussurra.

O olhar dele desce para a boca dela. O dela, para o nó da gravata. A gravidade de Aerium parece aumentar um grau. O olhar pergunta. Elara não responde com palavras. Apenas se inclina. O beijo vem quente, faminto, mas sem pressa — como se ambos esperassem por aquilo há dias. As mãos dele encontram a curva da cintura; as dela sobem pela nuca, desfazem o nó da gravata. O mundo some, o resto da cidade se desfoca no zumbido dos propulsores.

Ela morde de leve o lábio inferior dele; ele responde com um suspiro rouco e a puxa contra a parede de vidro que dá para o abismo luminoso. A cidade inteira parece arder nos dois. Beijos que descem pelo pescoço, dedos que exploram por cima do tecido, respirações descompassadas. Por um instante, tudo o que não é eles fica do lado de fora do jardim.

— Elara... — ele diz, a voz grave.

— Shhh — ela sorri, encostando a testa na dele. — A gente volta para o mundo em um minuto.

Eles riem, ofegantes, e se afastam só o suficiente para deixar o ar entrar. As mãos ainda se procuram antes de soltarem. Quando voltam a andar, carregam no corpo um segredo aceso.

Visita a Clara Santos

Clara os recebe em casa — meia-idade, fala precisa, calma que acalma. No escritório, folheia o caderno de Medina.

— Ele *quase* estabilizou o sistema. Falta uma *variável*: uma *fonte de energia estável*. Sem ela, os portais ficam *perigosos*.

— Onde achamos isso? — Elara pergunta.

— *Cristais de energia*. Existem relatos de uma caverna nas montanhas de Aerium. Lugar *sagrado*, cheio de lendas.

— Você conhece a região? — Lei pergunta.

— Conheço. Posso *guiá-los*. E quero levar um *aluno* — ele pode ajudar.

— Por mim, tudo bem — diz Elara.

— Para mim também — completa Lei.

A caverna

Montanhas altas, ar rarefeito. A trilha exige cuidado. A entrada da caverna é um *portal natural* coberto de verde. Lá dentro, *estalagmites* e *estalactites* monumentais. Goteiras em coro. O *musgo luminescente* forra o chão como um céu invertido.

As paredes trazem *inscrições* que ecoam as anotações de Medina. Clara decifra; o grupo avança. A câmara principal pulsa com um brilho *azulado*. No centro, *cristais* emanam energia quase palpável.

— *Incríveis* — murmura Elara.

— Cautela — Clara adverte. — Poderosos e perigosos. Precisamos levá-los e ajustar a *matriz* na universidade.

Lei encontra anotações escondidas entre rochas.

— Os cristais *fecham* portais, mas o processo é *arriscado* — lê.

— Vamos — decide Clara.

— Como se chamam? — Elara pergunta.

— Azurite — diz Clara. — Mineral raro com *propriedades mágicas*. Armazena e libera energia com estabilidade.

Na universidade

Laboratório amplo, *matriz de energia* no centro. Pesquisadores em trajes de proteção. Clara calça as luvas.

— Precisão absoluta. Inserir os cristais nos *pontos de ancoragem* calculados por Medina.

A caixa se abre. Prismas azuis-violetas facetam a luz. Um a um, os cristais entram na matriz. Monitores piscam; gráficos sobem e caem.

— Quase lá — diz Clara, ajustando controles finos. A luz estabiliza. — Conseguimos. O sistema *segura* o portal. Próxima fase: mantê-lo *seguro*.

Elara e Lei trocam um olhar. O próximo alvo tem nome: Hector Graves.

Hector Graves

Escritório imponente. Graves transmite *poder e desdém*.

— Imagino que seja pelos desaparecimentos — diz, seco. — O que querem de mim?

— Sabemos dos portais — Lei começa. — E queremos seu *envolvimento*.

— Um político nesses assuntos? — Graves sorri frio. — Só tento manter *ordem*.

— Falam de suas conexões com um culto — Elara mantém o olhar firme. — Queremos *nomes e lugares*.

— Vocês são persistentes. Há um esconderijo nos subúrbios, um prédio industrial. Mas aviso: *não são amadores* — cede Graves. — E cuidem com quem confiam em Aerium.

Elara para na porta.

— Você *esconde* algo. Quem está por trás?

A fachada racha.

— Dr. Victor Halstrom — ele solta. — Um dos fundadores. Eu sou só uma peça.

O nome pesa no ar.

Elias Bennett

No laboratório de Elias, pai de Elara, cálculos por todo lado.

— Pai, precisamos falar — diz Elara.

— O que houve? — ele ergue os olhos.

— Desaparecimentos ligados a um culto que quer abrir portais. Você conhece Victor Halstrom.

Elias empalidece.

— Victor... *não pode ser*.

— Precisamos de tudo — diz Lei.

Elias desaba a verdade: colegas por décadas; Victor *brilhante e obsessivo*; Aerium como laboratório; recrutamento de gente *influyente*. Quando percebeu, era tarde. Elara aperta os punhos; Lei fica sério.

— Vamos acabar com isso — ela diz. — Ajude-nos a *desativar* os portais.

— Farei o que puder — promete Elias. — Mas Victor acredita que está salvando Aerium.

O esconderijo

Endereço de Graves confirma o do Louva-a-Deus. A polícia monta apoio. Dispositivos de comunicação. Armas *não letais*.

— Precisão — diz Lei. — Eles vão reagir.

— Eu cuido da distração — Elara planeja. — Você se *infiltra* e neutraliza os líderes.

Na fachada, o dispositivo de Elara espalha luzes e sons. O capitão Ramirez posiciona a equipe. Dentro, um salão, túnicas escuras, um altar tecnológico e um portal pulsando.

— Agora! — Elara sinaliza.

Lei lança uma *granada de luz*. Cegueira momentânea. A polícia entra. O líder ergue a mão para o portal.

— Vocês não podem nos parar! *Aerium* precisa ser salva!

Elara derruba cabos; corta a alimentação. Lei atinge o líder com um golpe seco.

— Acabou.

Juntos, aplicam o protocolo de fechamento. O portal some.

— Conseguimos — ela diz, ofegante. — Mas eles vão tentar de novo.

— Vamos levar todos para interrogatório — Lei decide.

O salão silencia. Por segundos.

— Lei, algo está errado! O portal está reativando sozinho! — grita Elara.

Uma onda de energia varre o lugar. Uma entidade amorfa rasga a fenda, som gutural reverbera no concreto.

— Interdimensional — Lei reconhece, ajudando Elara a se levantar. — Ramirez, contenção!

As armas não funcionam. Elara lembra das notas de Clara.

— Redirecionar a energia da Azurite! — ela corre para a matriz. — Segura a criatura!

Lei enfrenta a entidade com dispositivos de contenção. Um cultista solto ataca Elara; Lei o derruba. Eles finalizam os ajustes.

Explosão de luz. Grito estridente. A fenda se fecha.

— E os cientistas? — Elara pergunta, o coração no pescoço.

Resgate

De volta ao laboratório da universidade, *Clara* coordena.

— Vamos criar um *portal* estável para resgatá-los.

Matriz vibra. O círculo translúcido se abre com cheiro de ozônio. Elara dá o sinal e entra com Lei e três policiais. A travessia arranha a pele. Do outro lado, uma *Aerium* em negativo: linhas tortas, céu rachado. Jaulas improvisadas. Seguidores da seita giram lâminas e runas.

— Contato!

Pulso do bracelete de Elara: o primeiro cai. Lei avança com bastão retrátil, derruba dois. Dardos de choque dos policiais limpam a passagem. Elara arrebenta o fecho da jaula.

— Dra. Voss! — ela a ampara. — Estamos tirando vocês daqui.

Retirada em formação. Atrás, um alarme arcaico urra.

Na volta, a fenda se enfurece. A entidade tenta forçar passagem — massa de sombra com garras de neblina. O vento puxa ao contrário; cabos vibram.

— Azurite, agora! — Elara gira os anéis da matriz, realinha os cristais; a luz muda de tom, azul profundo.

Lei ativa a contenção. A grade hexagonal fecha como mandíbula. A criatura raspa na luz, sibila, estica mais uma garra. Tudo treme. Um estalo seco — e o portal a suga num tranco. Trava engatada. Silêncio de metal quente.

Na central, *Graves* e cúmplices são presos. Em depoimento, ele confirma *Halstrom* como mentor. *Elias* ajuda a dismantelar a tecnologia e reforçar a segurança.

— Pai, nunca desconfiou? — pergunta Elara.

— Fui *ingênuo* — admite. — Mas *agora* estou alerta.

Depois

A cidade respira. Naomi publica a *reportagem*. Elara e Lei viram rostos da vitória — e da cautela. O apoio da polícia, o conhecimento de Clara e Voss marcaram a diferença.

No alto dos jardins suspensos, eles voltam.

— Nosso trabalho não termina aqui — diz Lei.

Elara segura a mão dele.

— Juntos, a gente enfrenta qualquer coisa — grita, rindo com o vento.

— Tenho uma ideia: *Lei & Bennett Investigações*. O que acha?

— Você está me propondo deixar meu cargo *bem remunerado* para trabalhar com você — e seu nome *vem primeiro*? — ela provoca.

— Eu *permito* meio período na polícia — ele diz, segurando o riso. — Na verdade, já tenho o escritório. Só precisamos levar seus *equipamentos*. E teremos a *companhia um do outro* para casos científicos e sobrenaturais. Onde você encontraria um parceiro assim? — ele aponta a cidade e a si mesmo.

— Vou ter que *pensar* — diz ela, saboreando.

— Tudo bem, eu *mudo a placa*: *Bennett & Lei Investigações* — ele ri. — Casos Científicos e Paranormais. Melhorou?

— Está *melhorando*. Quais os benefícios?

— Além da minha *companhia diária*, você será *dona* do escritório e escolhe casos e *parceiros*.

— Tem mais gente? — ela se surpreende.

— Time *diverso*. Você conhece e traz quem quiser.

— Estou *começando a acreditar*.

— Pode acreditar, *garota*. Sou homem de *palavra*. Temos um *trato*? — ele estende o mindinho.

— Temos um trato, Sr. Lei — ela encaixa o mindinho no dele, olhos nos olhos. Ele puxa o mindinho dela num giro leve — convite de dança e contrato em duas vias. Riem, ofegantes; o vento dos propulsores cola a roupa no corpo. O olhar dele cai na boca dela; o dela, no nó da gravata já torto. A gravidade de Aerium, mais uma vez, parece aumentar. O beijo chega entre risos, quente e breve, com gosto de sal e vitória. Eles encostam a testa, respiram juntos — festa, objetivo atingido. A cidade flutuante, *por um segundo*, parece parar para ouvi-los. Proteger Aerium. A tecnologia. A magia. Essa é a missão.